



**MARCO
MACIEL**

**LUIZ
GONZAGA**

NORDESTE E ALMA BRASILEIRA

2000

LUIZ GONZAGA, NORDESTE E ALMA BRASILEIRA

O Brasil celebrou no dia 2 de agosto de 1999 os dez anos da morte do cantor e compositor Luiz Gonzaga, o rei do baião. “Lua”, como também era conhecido, foi essencialmente um telúrico. Ele soube, como ninguém, cantar o Nordeste e seus problemas. Pernambucano, nordestino ou simplesmente brasileiro, Luiz Gonzaga encantou o Brasil com sua música, tornando-se um daqueles que melhor souberam interpretar sua alma.

Nascido em Exu, no Alto Sertão de Pernambuco, na Chapada do Araripe, ele ganhou o Brasil e o mundo, mas nunca se esqueceu de sua origem. Sua música, precursora da Música Popular Brasileira, é algo que embora não possa ser classificada como “de protesto”, ou engajada, é, contudo, politicamente comprometida com a busca de solução para a questão regional nordestina, com o desafio de um desenvolvimento nacional mais homogêneo, mais orgânico e menos injusto, portanto.

Telúrico sem ser provinciano, Gonzaga sabia manter-se preso às circunstâncias regionais sem perder de vista o universal. Sua sensibilidade para com os problemas sociais, sobretudo nas músicas em parceria com Zé Dantas, era evidente: prenhe de inconformismo, denúncia do abandono a que ainda hoje está sujeita pelo menos um terço da população brasileira, mormente a que vive no chamado semi-árido.

Não estaria exagerando se dissesse que Gonzaga, embora não tivesse exercido atividade política ou partidária, foi um político na acepção ampla do termo. Política, bem o sabemos, é a realização de objetivos coletivos e não se efetua apenas por meio do exercício de cargos públicos, que ele nunca teve. Política é sobretudo ação a serviço da comunidade. Como afirma Alceu Amoroso Lima, é saber, virtude e arte do bem comum.

Além de nunca ter omitido suas opiniões, Gonzaga também nunca se esquivou de participar ativamente quando necessário. Em um momento particularmente difícil vivido por sua terra, Exu, e tendo em vista as muitas mortes decorrentes da rivalidade das famílias Alencar e Sampaio, ele ergueu corajosamente sua voz. Na ocasião, era Governador de Pernambuco e pude receber dele ajuda fundamental na tarefa que, com êxito, empreendi no sentido de pacificar a cidade e restabelecer a concórdia naquela importante região do sertão.

Deixei o Governo com Exu em paz. Nenhum crime de natureza política voltou a ocorrer e, por meio de melhoramentos que me eram sugeridos pela comunidade por intermédio de Gonzaga, foi possível reintegrar a cidade ao convívio social, do qual nunca mais se apartaria.

Outro aspecto político da presença de Luiz Gonzaga foi no resgate da música popular brasileira. O vigor de suas toadas e cantorias tonificou a nossa música, retirando-

a do empobrecimento cultural em que se encontrava. Sua música teve um viés nacionalista, ou melhor brasileiríssimo, que impediu que lavrasse um processo de perda de nossa identidade cultural. Não foi uma música apenas nordestina, mas genuinamente nacional, posto que de defesa de nossas tradições e evocação de nossos valores.

Luiz Gonzaga interpretou o sofrimento e também as poucas alegrias de sua gente em quase duzentas canções, em ritmos até então desconhecidos como o baião, o forró, o xaxado, as marchinhas juninas e tantos outros. Mas foi através de “Asa Branca” que “Lua” elevou à condição de epopéia a questão nordestina. Certa feita, Gilberto Freyre afirmou que o frevo “Vassourinhas” era nossa Marselhesa. Poderíamos dizer, parafraseando Gilberto Freyre, que “Asa Branca” é o hino do Nordeste; o Nordeste na sua visão mais significativamente dramática, o Nordeste na aguda crise da seca.

Gilberto Amado disse a propósito da morte de sua mãe: “Apagou-se aquela luz no meio de todos nós”. Para o Nordeste, e tenho certeza para todo o País, a morte de Luiz Gonzaga foi o apagar de um grande clarão. Mas com seu desaparecimento não cessou de florescer a mensagem que deixou, por meio da poesia, da música e da divulgação da cultura do Nordeste.

Em sua obra ele está vivo e vive no sertão, no pampa, na cidade grande, na boca do povo, no gemer da sanfona, no coração e na alma da gente brasileira, pois como disse Fernando Pessoa, “quem, morrendo, deixa escrito um belo verso, deixou mais ricos os céus e a terra, e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente.”

**(Artigo publicado pela imprensa
no mês de agosto de 1999)**

**“Pernambucano,
nordestino ou
simplesmente
brasileiro, Luiz
Gonzaga encantou
o Brasil com sua
música, tornando-
se um daqueles
que melhor souberam
interpretar
sua alma.”**

**“Sua música,
precursora da
Música Popular
Brasileira, é algo
que embora não
possa ser classifi-
cada como “de
protesto”, ou
engajada, é, contudo,
politicamente
comprometida
com a busca de
solução para a
questão regional
nordestina...”**

GOZAGA FEZ SUAS PRÓPRIAS ASAS BRANCAS

“ Eu tinha umas asas brancas, asas que um anjo me deu, que, em me eu cansando da terra, batia-as e voava ao céu”.

Almeida Garrett

Luiz Gonzaga não precisou, como Almeida Garrett, que um anjo lhe desse asas. Ele confeccionou sua própria Asa Branca e com ela fez uma ponte entre a Terra e a eternidade.

Voou para o céu. E lá, a esta altura, já deve ter localizado o Nordeste do infinito, substituindo as harpas por sanfonas nos coros celestiais, hinos novos de louvor a Deus.

Pernambucano? Nordestino? Ou simplesmente brasileiro? De ponta a ponta o Brasil se orgulha de seu filho e o inclui entre os gênios que melhor souberam interpretar e traduzir sua alma. O País todo chorou sua morte e exaltou sua glória.

Brasileiro de Pernambuco - Estado que ouviu seu primeiro balido e lhe absorveu o último suspiro -, Luiz Gonzaga é intrinsecamente um telúrico. O drama da seca, que já inspirou poetas estrangeiros da altitude de um Guerra Junqueiro, transforma toda esta região numa grande e única família.

Grandes cantores e compositores nordestinos, que ganharam fama além-fronteiras, ficaram contidos ao círculo de sua vivência. Caymi, tão perto do mar, e toda uma geração dos chamados “baianos” são exemplos.

Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, foi o nordeste universalizado. Cantou o mar, a caatinga, a mata e o sertão com a mesma força telúrica.

A música teluricamente nordestina de Luiz Gonzaga, antecipadamente precursora da música popular brasileira, é assim algo que, embora não possa ser entendida como música engajada, “uma denúncia de protesto”; é, contudo, politicamente comprometida com a busca da solução regional nordestina, com o perseguir para o nosso País de um desenvolvimento nacional mais homogêneo - sem distorções; mais orgânico, menos injusto, portanto.

Pois é evidente que se quisermos resolver a questão do desenvolvimento do País, precisamos encontrar respostas para os desafios regionais.

O Brasil não é um só, singular; é múltiplo, multirregional. “A unidade brasileira”, lembra Gilberto Freyre, é do que se nutre para ser o espantoso fenômeno sócio-ecológico que é: da diversidade de regiões do Brasil no plural que se interpenetram, completando-se no Brasil, no Brasil singular”.

Gonzaga era um telúrico sem ser provinciano, pois o telurismo é manter-se gassetianamente preso às circunstâncias locais sem perder a visão das questões nacionais ou até internacionais. Tampouco se pode confundir telurismo, regionalismo com separatismo, pois isso seria negar a grande aspiração à unidade nacional que pressupõe a integração inter-regional.

Luiz Gonzaga, que cantou as alegrias e o sofrimento de sua gente, em ritmos até então desconhecidos, tinha exata consciência de que “o homem nasce para a sociedade e tem deveres para com os seus semelhantes”, como entendeu outro visionário da causa regional, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Sua sensibilidade para com os problemas sociais era enorme, sobretudo nas músicas em parceria com Zé Dantas. A sua música, se não pode ser classificada como “de protesto”, é prenhe de inconformismo, do abandono a que ainda hoje está sujeita pelo

menos um terço da população brasileira, mormente a que vive no chamado semi-árido, para usar expressão redescoberta pelos tecnocratas, ou no polígono das secas, no jargão do legislador.

Por isso não estaria exagerando se dissesse que, embora Gonzaga não tivesse militantemente exercido atividade política ou partidária, foi um político na ampla acepção do termo. Política, bem o sabemos, é a realização de objetivos coletivos e não se efetua apenas através dos partidos políticos ou, sequer, através do exercício de cargos públicos, que ele nunca os teve.

Política, dilucida com propriedade Alceu de Amoroso Lima, é saber, virtude e arte do bem comum.

Gonzaga e sua obra, que formavam um insuperável todo, exalava sentimento cívico; permanente intérprete do clamor de seu povo.

Não foi graças a sua voz que o drama nordestino, especialmente das secas e estiagens, adquiriu uma consciência nacional e transformou-se em questão a exigir atenção e atuação do poder central?

A seca, como é notório, não é um fenômeno novo, mas, recorde-se, a música de Gonzaga ajuda a convertê-la em desafio para os governantes.

Bem antes dele, Euclides da Cunha, no início do século, enfatizara:

“As secas do extremo norte delatam, impressionadamente, a nossa imprevidência, embora sejam o único fato de toda a nossa vida nacional ao qual se possa aplicar o princípio da previsão.”

E prossegue:

“...Faz-se mister que este problema urgentíssimo, as secas, seja um motivo para que demos maior impulso a uma tarefa, que é o mais belo ideal da nossa engenharia neste século: a definição exata e o domínio franco da grande base física da nossa nacionalidade.”

Não foi diferente o reclamo de outro nordestino como Gonzaga, esse o único a chegar à Presidência da República pelo voto direto - Epitácio Pessoa, que diz em histórico discurso, em São Paulo:

“...Penetrai naquela fomalha ardente; lançai as vistas sobre aqueles campos calcinados, onde as plantações desapareceram de todo, onde a vegetação feneceu e mirrou, e os bebedouros se ressequiram, sob a centelha comburente do sol impiedoso; ide e percorrei aqueles chapadões intérminos, onde o silêncio apavorante das quebradas é apenas interrompido de longe em longe pelo mugido desesperado do gado sequioso e faminto...”

“Não estaria exagerando se dissesse que Gonzaga, embora não tivesse exercido atividade política ou partidária, foi um político na acepção ampla do termo. Política, bem o sabemos, é a realização de objetivos coletivos e não se efetua apenas por meio do exercício de cargos públicos, que ele nunca teve.”

“Em sua obra ele está vivo e vive no sertão, no pampa, na cidade grande, na boca do povo, no gemer da sanfona, no coração e na alma da gente brasileira...”

GOZGAGA FEZ SUAS PRÓPRIAS ASAS BRANCAS

E concluí:

“... Dizei depois se se trata de questão que interessa apenas ao Nordeste ou se, pelo contrário, não se trata de problema eminentemente nacional.”

Gonzaga interpretou o sofrimento e também as poucas alegrias - de sua gente em quase duzentas canções, em ritmos até então desconhecidos; além do baião, o forró, as marchinhas juninas, o xaxado e tantos outros.

Mas através de Asa Branca - não há ódio ou mágoa, a sua Asa era a pomba branca da paz -, Gonzaga elevou à condição de epopéia a questão nordestina.

Tal a importância dessa música, ela se converteu em símbolo da região inteira. Certa feita Gilberto Freyre disse que o frevo “Vassourinhas”, que parece estar nos glóbulos do sangue pernambucano, era nossa “Marselhesa”. Que dizer da Asa Branca? Não será o Hino do Nordeste?

Convivi, Deus me deu esta ventura, com Luiz Gonzaga. Fui seu amigo, observei sua permanente preocupação com a sorte de sua terra e sua gente. O Nordeste de modo geral; o sertão de modo particular, sua Exu, especialmente.

Aliás, como Governador, coordenei as ações para pacificar Exu dividida numa verdadeira guerra fratricida entre as famílias que, ao início da década de 80, já deixara mais de 40 mortos, desde que o conflito se iniciara, em 1948.

Tive em Gonzaga e Dom Avelar Brandão fiéis aliados, sem o que não teria obtido êxito na delicada e importante missão de solver o terrível conflito. Deixei o Governo com Exu em paz. Nenhum crime de natureza política voltou a ocorrer e, ao lado de providências no plano político, pude - através da realização de melhoramentos que me eram sugeridos pela comunidade por intermédio de Gonzaga - minorar o sofrimento de seu povo e reintegrar Exu ao convívio social da Nação, do qual se apartara.

Luiz Gonzaga não foi um político militante, friso. Nunca disputou cargos eletivos. Contudo, através de toadas e cantorias, e sobretudo em conversas, apelava e cobrava dos homens públicos ação e ações em favor do povo.

Efetuei, como governante, um amplo projeto integrado de melhoria do semi-árido pernambucano que compreendia ações no plano de perenização dos rios, eletrificação rural, estradas, inclusive vicinais, crédito rural, assistência à agropecuária, a que dei o nome de “Asa Branca”.

Ele reconhecidamente me retribuiu a justa homenagem, acompanhando-me na mobilização popular necessária à execução do projeto.

Talvez por isso muito me distinguisse, sempre afetuosamente como por exemplo ao chamar-me de “patrão”. Ele mesmo em entrevista à revista **Veja** disse certa feita: “Sou como vaqueiro de coronel. Você pergunta em quem vai votar e eu respondo: no patrão, em quem o patrão mandar. Eu tenho o meu patrão, que se chama Marco Maciel”.

Outro aspecto político, posso também dizer, da presença de Gonzaga reside no resgate da música popular brasileira.

O vigor de suas melodias tonificou a nossa música, retirando-a do empobrecimento cultural que atravessava há cerca de quarenta anos atrás. Não podia o Brasil, com tanta riqueza musical, deixar-se agredir e violentar com modelos exóticos, xerocando música e importando padrões sem vinculação com as nossas coisas, desconhecendo a capacidade crítica de nossa gente.

Hoje, os críticos asseveram que o velho "Lua" além de inventar tantos ritmos brasileiros e nordestinos, foi o precursor do *rock'n roll*. Essa é, por exemplo, a opinião de MCC, estampada na **Folha de S. Paulo** do mês passado:

"Luiz Gonzaga antecipou em 10 anos no Brasil o forró nos anos 40. A questão não é rítmica neste quesito o forró tem mais similaridade com o *reggae*. Trata-se da dinâmica que ele imprimiu à sanfona, os acordes simples e estruturas repetitivas. Ele criou um ritmo selvagem, próprio para a dança, tal qual o *rock'n roll*.

Não é à-toa que o ritmo faça tanto sucesso hoje no Nordeste quanto Madonna no resto do mundo. Quem ouve Gonzaga não precisa de Madonna".

Não é diferente o parecer de José Ramos Tinhorão também cientista e historiador ao opinar em **O Estado de S. Paulo**:

"No Brasil, existem poucos criadores. Luiz Gonzaga foi um criador". Teve, portanto, a sua música um viés nacionalista, ou melhor, brasileiríssimo - que impediu lavrasse um processo de perda de nossa identidade cultural. Não foi também essa uma contribuição, insisto, de natureza política que o rei do Baião de forma quase imperceptível nos legou?

Não foi uma música teluricamente nordestina, apenas, mas o foi assim genuinamente nacional, posto que de defesa de nossas tradições e evocação de nossos valores.

Isso ajuda a explicar, como afirma Hermílio Bello de Carvalho, o fato de não se conhecer "outro artista no Brasil que tenha criado tantos filhos musicais quanto os que ele gerou".

Gonzaga, rei do baião, ao lado de Padre Cícero, Antonio Conselheiro, o de Canudos, Lampião, outro rei do Cangaço, embora Anibal Torres conhecido por Ascenso Ferreira, fez crescer o rico acervo cultural popular nordestino: primitivo, porém extremamente denso; simples, rústico, mas autêntico.

Através de sua obra ele está vivo e vive no sertão, no pampa, na cidade grande, na boca do povo, no gemer da sanfona, no coração e na alma da gente brasileira.

Pois ele nos legou através da música a sua mensagem, e quem morrendo, diz Fernando Pessoa, "deixa escrito um belo verso, deixou mais ricos os céus e a terra, e mais emotivamente misteriosa a razão de haver estrelas e gente".

"Luiz Gonzaga interpretou o sofrimento e também as poucas alegrias de sua gente em quase duzentas canções, em ritmos até então desconhecidos como o baião, o forró, o xaxado, as marchinhas juninas e tantos outros. Mas foi através de "Asa Branca" que "Lua" elevou à condição de epopéia a questão nordestina."

(Pronunciamento do Senador Marco Maciel, no Senado Federal, no dia 20-9-89, em homenagem a Luiz Gonzaga)

Marco Maciel foi eleito, em 1994, e reeleito, em 1998, vice-presidente da República na chapa liderada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Elegeu-se senador por Pernambuco sucessivamente em 1982 e em 1990, exercendo na referida Casa relevantes funções, inclusive as de líder de seu partido, o PFL. Foi deputado federal por duas legislaturas, tendo presidido a Câmara Federal e a Fundação Milton Campos de Estudos e Pesquisas Políticas. Convidado por Tancredo Neves, foi Ministro da Educação no Governo José Sarney. A seguir, ocupou o cargo de Ministro-Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República.

Governou o Estado de Pernambuco (1979/1982) depois de ter exercido o mandato de deputado estadual, ocasião em que desempenhou as funções de líder do governo na Assembléia Legislativa.

Em meio às suas atividades acadêmicas, presidiu o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco e a União dos Estudantes de Pernambuco. É advogado e professor titular (licenciado) de Direito Internacional Público na Universidade Católica de Pernambuco.

Entre os projetos de sua iniciativa na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, destacam-se os que resultaram na lei que fixa normas para engenharia genética e regula a liberação de organismos geneticamente modificados (clones); e no que trata da arbitragem para dirimir litígios.

Escreveu os livros *Vocação e Compromisso* (1982, José Olympio Editora); *Educação e Liberalismo* (1987, idem); e *Liberalismo e Justiça Social* (1987, Instituto Tancredo Neves). Nasceu no Recife em 21/7/40 e é casado com Anna Maria Ferreira Maciel. Tem três filhos e dois netos.